

## Gênero e tradução sob o viés do feminismo interseccional na América Latina: uma abordagem a partir da pesquisa e da prática acadêmica<sup>1</sup>

Ioneide Marques CORRÊA<sup>2</sup>  
Iris de Fátima Lima BARBOSA<sup>3</sup>

**Resumo:** É inegável afirmar que o feminismo interseccional nos permite identificar e problematizar as consequências dos eixos de subordinação sobre os corpos de mulheres racializadas, que predominam em distintas realidades desde o período colonial até a atualidade. Compreender a ação desses mecanismos é reconhecer que a opressão que essas mulheres sofrem gera espaços de desigualdade, injustiça e violência que as condicionam à invisibilidade e à inferioridade em sociedades latino-americanas. À vista disso, o presente trabalho expõe um panorama de atividades desenvolvidas durante a realização do projeto de pesquisa “Tradução e Cultura: debates sobre gênero em uma perspectiva interseccional na América Latina” (2021-2023), considerando os estudos de gênero, feminismo interseccional e tradução, que culminou com momentos de formação, pesquisa e produção acadêmica de futuras professoras de *ELE* do Campus Universitário de Castanhal (UFPA).

**Palavras-chave:** Pesquisa; Estudos de gênero e tradução; Feminismo Interseccional.

### Introdução

Ao vislumbrar a trajetória dos estudos desenvolvidos no campo do gênero, sobretudo do feminismo interseccional nos últimos anos, é possível notar e analisar as contribuições relevantes destas teorias para o entendimento da ação simultânea dos sistemas de poder, bem como as consequências históricas da estrutura patriarcal sobre os corpos de mulheres, principalmente as racializadas. Diante deste contexto, apresentaremos ao longo desta proposta, alguns pontos primordiais que conformaram um panorama de atividades desenvolvidas com a comunidade acadêmica da Universidade Federal do Pará – Campus de Castanhal, por meio do projeto de pesquisa “Tradução e Cultura: debates sobre gênero em uma perspectiva interseccional na América Latina” (2021-2023).

Por conseguinte, ao longo da vigência do projeto, procuramos proporcionar momentos de formação, pesquisa e produção acadêmica, visando contribuir para o aprimoramento de futuros profissionais da educação do curso de Letras Língua Espanhola. Dessa forma, utilizamos a vertente do feminismo interseccional, pois ele nos proporciona ferramentas para identificar as problemáticas que circundam a existência de mulheres negras e indígenas na

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido a partir dos relatórios finais do projeto de pesquisa “Tradução e cultura: debates sobre gênero em uma perspectiva interseccional na América Latina” que foi desenvolvido com o apoio do Programa PIBIC/UFPA.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Espanhol da Universidade Federal do Pará – Castanhal-PA, [ioneide.correa@castanhal.ufpa.br](mailto:ioneide.correa@castanhal.ufpa.br).

<sup>3</sup> Professora Doutora de Língua e Literaturas Hispanófonas do Curso de Licenciatura em Letras Espanhol da Universidade Federal do Pará – Castanhal-PA, [iris\\_flb@hotmail.com](mailto:iris_flb@hotmail.com).

América Latina, materializadas nas práticas do racismo, sexismo, classismo entre outros eixos de dominação. Para isto, recorreremos às metodologias do campo da tradução semântica e comunicativa (Newmark, 1981), reconhecendo-o como uma área que nos permitiu aprimorar o domínio lexical e gramatical em *ELE*, além de facilitar o contato com a diversidade cultural de outros países latino-americanos, uma vez que optamos por estudar produções nas línguas espanhola e portuguesa.

Diante disso, para a estrutura deste trabalho, destacamos inicialmente a interseccionalidade como uma ferramenta teórica de análise crítica (Collins e Bilge, 2020) da realidade violenta e desigual a que estão submetidas muitas mulheres na América Latina e no Caribe. Conseqüentemente, também evidenciamos os aportes teóricos de autoras afro-feministas que, a partir de seus lugares de enunciação, propõem novas perspectivas para debater temas de violência, desigualdade e injustiça, como é o caso de Gonzalez (2020), Carneiro (2003), Ribeiro (2018), Cumes (2014), etc. Tudo isto demonstra a necessidade e a urgência em se promover um espaço onde se possa dialogar criticamente sobre esta delicada realidade.

Finalmente, considerando as atividades acadêmicas produzidas no decorrer dos dois anos de vigência do projeto de pesquisa, encontramos pertinente expor alguns eventos organizados, produções escritas e comunicações orais apresentadas em eventos nacionais e internacionais, que corroboraram a relação estabelecida entre os estudos dos campos de gênero, através do feminismo interseccional e da tradução. Em suma, é perceptível que houve impactos benéficos nas aproximações sugeridas pela presente investigação, especialmente no entendimento das problemáticas de gênero e na resistência que brota do movimento de mulheres negras e indígenas ao longo da história.

### **Interseccionalidade: um olhar crítico sobre a sociedade latino-americana**

As sociedades latino-americanas foram constituídas a partir de relações de poder que, ao longo da história, provocaram a marginalização e violentaram populações minoritárias, resultando em hierarquias ainda vigentes que estruturam espaços de dominação (Gonzalez, 2020). Diante desse cenário, o feminismo interseccional desponta como uma importante ferramenta de análise das problemáticas presentes nas relações sociais, sobretudo na trajetória de mulheres racializadas que estão posicionadas na encruzilhada do racismo, sexismo, patriarcalismo, opressão de classe e outros sistemas de subordinação (Crenshaw, 2002).

Dessa forma, é conveniente mencionar que a intelectual afro-estadunidense Kimberlé Williams Crenshaw, foi a pioneira na utilização do termo, tendo desenvolvido suas reflexões em dois artigos: “*Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Anti-Discrimination Doctrine, Feminist Theory and Anti-Racist Politics*”, de 1989, e “*Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color*”, de 1991 (Collins, 2022). Contudo, as críticas a respeito da combinação dos eixos de opressão - gênero, raça e classe - e suas consequências nos corpos de mulheres negras e indígenas, já estavam ocorrendo no seio das teorizações e das mobilizações feitas por feministas negras, dado que o feminismo hegemônico pouco se atentou para este entrecruzamento. Assim sendo, elas precederam e deram base para a construção do pensamento feminista interseccional (Ribeiro, 2018).

No decorrer dessa trajetória, a teórica afro-feminista Sueli Carneiro (2003) dimensiona aspectos históricos da formação social, uma vez que, durante o período colonial, potencializou-se a instauração de eixos de dominação sobre os corpos de mulheres negras e indígenas. Consequentemente, os sistemas de poder são geradores de espaços de marginalização e violência, podendo ser entendidos como a gênese das injustiças e desigualdades presentes na sociedade brasileira. E, desse modo, ela declara:

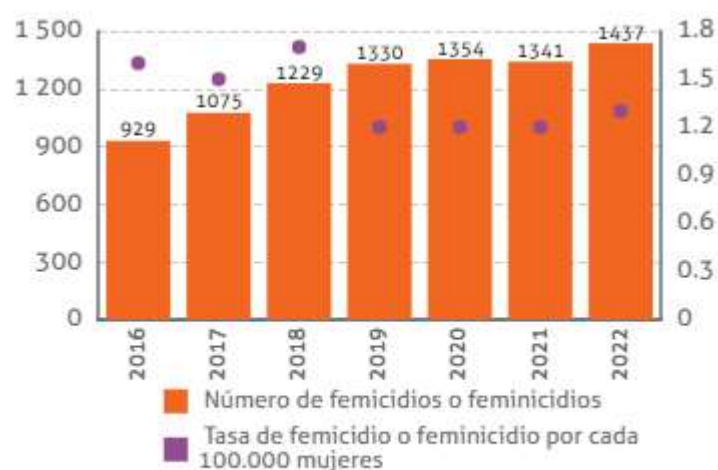
No Brasil e na América Latina, a violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra mulheres negras e indígenas e a miscigenação daí resultante está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional, estruturando o decantado mito da democracia racial latino-americana, que no Brasil chegou até as últimas consequências (Carneiro, 2003, p. 49).

Diante disto, torna-se perceptível que a sociedade capitalista que se desenvolveu na América Latina, disfarçada pelo “mito da democracia racial” (Gonzalez, 2020, p. 92), resultou na histórica violência que acomete mulheres racializadas, instaurando no imaginário social deste território estereótipos de inferioridade, hipersexualização, servidão e exotização. Por este motivo, o posicionamento da feminista afro-brasileira e pioneira na discussão sobre as problemáticas de raça e gênero, Lélia Gonzalez, é fundamental para realizar uma leitura crítica sobre a trajetória de mulheres não brancas, atravessadas pela exploração laboral e sexual na escravização doméstica na “casa grande”, concretizada como a “mãe preta”, ou seja, aquela que cuida e educa os filhos dos senhores (Gonzalez, 2020). Importante é reconhecer que essas heranças escravocratas, patriarcais, classistas e sexistas continuam sendo atualizadas em nossa sociedade, articulando novas formas de dominação, desigualdade e

violência, problemáticas que necessitam ser abordadas e discutidas em distintos âmbitos sociais, como o acadêmico.

Assim pois, observando este cenário, podemos compreender que a interseccionalidade nos possibilita um olhar crítico-reflexivo e profundo sobre as mazelas presentes na sociedade. Além da subversão de mulheres que, ao se oporem à dominação e à violência, iniciam um processo de resistência e de transformação da realidade (Collins, 2022), uma realidade que muitas vezes é fatal para este grupo, como podemos observar nos recentes e preocupantes dados que revelam os altos índices de violência de gênero, expostas às taxas de feminicídio apresentadas pelo *Observatorio de Igualdad de Género de América Latina y el Caribe* (OIG):

**Imagem 1:** Indicadores de feminicídio

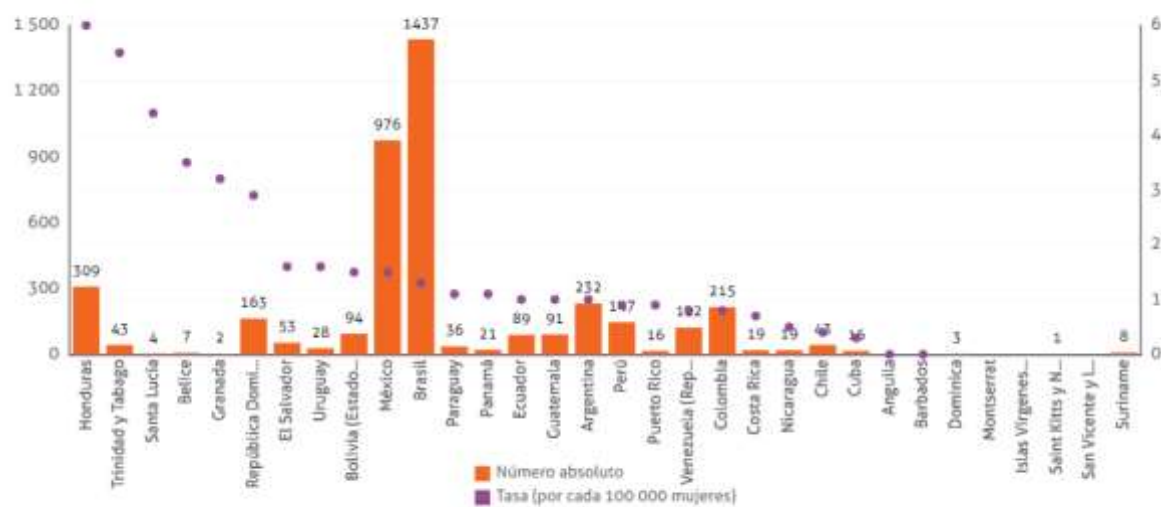


Fuente: CEPAL, Observatorio de Igualdad de Género de América Latina y el Caribe

A partir deste gráfico, é possível dimensionar a realidade preocupante a que mulheres estão submetidas em nosso continente. Ademais, são números referentes a casos notificados pelos órgãos de segurança, porém existem ocorrências em que as vítimas e agressores permanecem sem ser identificados e tampouco são contabilizados oficialmente, seja em decorrência do medo ou da falta de conhecimento sobre os meios de proteção e ausência do Estado. E, ainda seguindo esse contexto, o mesmo observatório disponibilizou as taxas detalhadas por nações, participando do levantamento 26 países, ressaltando que Honduras apresentou no ano de 2022, um índice de 6,0 casos por cada 100.000 mulheres, tornando-se o país com as taxas mais altas em terras latino-americanas e caribenhas (OIG-CEPAL, 2023), como podemos ver a continuação:

**Imagem 2:** Feminicídio na América Latina e Caribe

América Latina, el Caribe (32 países): Feminicidio o femicidio, último año disponible (En números absolutos y tasas por cada 100.000 mujeres)



Fuente: CEPAL, Observatorio de Igualdad de Género de América Latina y el Caribe

**Fonte:** CEPAL, *Observatorio de Igualdad de Género de América Latina y el Caribe*

Neste rastro da violência de gênero, o Brasil contabilizou, no ano de 2023, em números absolutos, 1.437 casos, segundo podemos acompanhar no gráfico anterior, disponibilizado pelo observatório. São dados gerais que nos posicionam no topo doloroso desta conjuntura cruel. Contudo, ao atentarmos para as informações do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2024), veremos que no recorte étnico racial feito pelo órgão, são as mulheres negras, 61,1% dos casos de vítimas de feminicídio no referido território. Posteriormente, o Atlas da Violência de 2023 (FBSP, 2023) expõe que este contingente representa a triste porcentagem de morte, quer dizer, um número 1,8 vezes maior que de mulheres não negras.

Portanto, é compreendendo a dimensão deste contexto violento e desigual, que urge a importância dos estudos de gênero para a formação de uma visão crítica da realidade, sobretudo para profissionais da educação, uma vez que as perspectivas apresentadas pela interseccionalidade, nos indicam as problemáticas que orbitam a existência de mulheres, que são violentadas e exploradas todos os dias. Consequentemente, são indiscutíveis as contribuições de intelectuais como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, Patricia Collins, entre outras. Corroboramos neste cenário que elas potencializam a vertente do feminismo interseccional, além de romper com as imagens folclorizantes e estereotipadas que

recaem sobre os corpos das afrodescendentes e contribuem com a resistência histórica e atual de negras e indígenas diante de espaços hierárquicos.

### **Diálogos acadêmicos a partir dos estudos de gênero e da tradução na perspectiva da interseccionalidade**

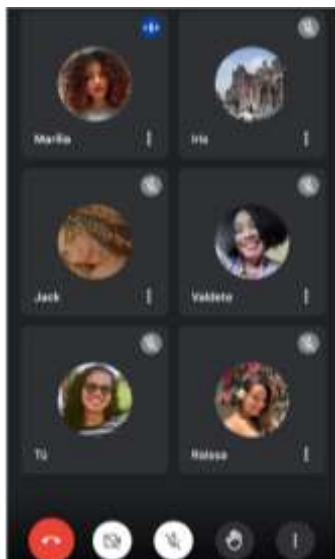
Ao observar os avanços alcançados pelos estudos de gênero na América Latina nos últimos anos, sobretudo no cenário acadêmico, nosso trabalho utilizou-se deste vasto campo de produção teórico para refletir a respeito da ação de eixos de subordinação de gênero, raça e classe, que interligados, oprimem grupos subalternizados, como já mencionamos na seção anterior. À vista disso, fomentamos, por meio dos projetos de pesquisa “Tradução e Cultura: debates sobre gênero em uma perspectiva interseccional na América Latina” (2021-2023) e, atualmente, “Escritoras afrodiáspóricas: crítica, pensamento, literatura e interseccionalidade” (2023-2025) desenvolvidos na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal, atividades de práticas de leitura, escrita e tradução de escritos teóricos que abordam a temática em questão. Tais práticas, recorrem à vertente do feminismo interseccional como instrumento de análise (Collins e Bilge, 2020), demonstrando em nossas atividades que, as contribuições provenientes desta tendência possibilita examinar as desigualdades, injustiças e violências que acometem as mulheres racializadas, com o objetivo de democratizar no meio acadêmico, a trajetória de resistência exposta na escrita e nos movimentos promovidos por intelectuais e ativistas no Sul Global.

Por este viés, conseguimos desenvolver junto à comunidade acadêmica diferentes momentos de discussão, apresentando produções teóricas nos idiomas espanhol e português, organizando eventos, elaborando artigos e resenhas que foram enviados para apreciação e publicados em periódicos, além de participações em eventos nacionais e internacionais. Vale ressaltar que essas atividades foram articuladas nos períodos de 07/2022 a 08/2023.

Nesse sentido, iniciamos nossas atividades com a formação do grupo de estudo, sendo apresentadas as participantes do projeto, renomadas obras do campo do gênero em duas línguas diferentes, português e espanhol, como: Butler (2007), Adichie (2019), Federici (2010), Curiel (2009), Gonzalez (2020), Carneiro (2003), Bairros (1995), Santana (2014), para mencionar algumas. São mulheres que nos possibilitam um olhar crítico com relação ao processo de movimentação social, enquanto disponibilizam ferramentas para identificar opressões e evidenciar mecanismos de resistência frente a sistemas que historicamente subordinam as populações na América Latina. Então, para a concretização dos nossos

encontros, considerando o tempo das graduandas que estudam em distintos horários do dia e dos nossos colaboradores externos ao Brasil, realizamos as reuniões de maneira virtual, por meio da plataforma Google Meet (Imagem 03).

**Imagem 3:** Grupo de Estudo



**Fonte:** Autoras (2022)

Por meio desta atividade, constituímos uma dinâmica de mediação e discussão dos textos, previamente selecionados, em que cada estudante e/ou colaborador ficou responsável pelas distintas atividades. Tal iniciativa foi importante para a promoção do olhar crítico-reflexivo sobre as problemáticas de gênero no contexto latino-americano, pensando também na diversidade do grupo.

Igualmente, é fundamental destacar que durante as atividades se favoreceu as habilidades linguísticas — compreensão e expressão — a partir dos textos. São competências importantes que contribuem para a trajetória acadêmica de futuros docentes de língua estrangeira, haja vista que utilizamos escritos em dois idiomas diferentes. Consequentemente, ao fomentar essas aptidões também auxiliamos no processo de ensino-aprendizagem, no que se refere ao campo da tradução. Para tanto, ao utilizar essas técnicas, colaboramos para a ampliação lexical e gramatical de nossos participantes, considerando o contato com produções bibliográficas em língua espanhola. Ou seja, indiretamente instigamos a busca por equivalentes, significação, confronto das línguas e contato com culturas diversas (Briks, 2012).

A continuação é interessante mencionar que utilizamos durante as atividades dos projetos os conceitos básicos de tradução aplicados na prática profissional que contribuem para o acesso a textos tanto em espanhol como em português. Para isso, optamos por utilizar

recursos correspondentes às teorias de tradução semântica e comunicativa dessas disciplinas, já que ambas nos dão a possibilidade de trabalhar tanto a partir da perspectiva do texto quanto das particularidades dos possíveis leitores. Nesse sentido, a abordagem semântica nos ofereceu um exercício de tradução mais detalhado, mantendo uma relativa fidelidade às estruturas semânticas e originais do texto, mas que “no llega a ser lo que se suele entender por «traducción literal», es decir, una traducción palabra por palabra” (Parkinson de Saz, 1984, 95). De forma complementar, a partir da abordagem comunicativa, nos pareceu pertinente resgatar a dinâmica de um estilo idiomático simples e claro, que prioriza a transmissão de elementos culturais que podem estar no original e que podem ser substituídos “por términos que son propios de la cultura de su lector” (Parkinson de Saz, 1984, 96), facilitando uma tradução simples, em termos gerais, de elementos complexos. É importante ressaltar que, também procuramos trabalhar com aplicativos derivados das novas tecnologias que dão suporte ao trabalho de tradução como, por exemplo, *thinking aloud protocol*, memórias de tradução, tradutores automáticos e outras ferramentas digitais que tenham um impacto significativo nos *corpora* e repertórios terminológicos que “resultan imprescindibles en el ejercicio de la profesión” (Sánchez, 2018, 16).

Para elucidar de maneira concreta as dinâmicas descritas anteriormente, organizamos eventos nas modalidades presencial e virtual, que corroboram não somente a democratização do conhecimento sobre o feminismo, mas também a importância da tradução quando se trabalha com línguas estrangeiras através das atividades oferecidas pelo projeto.

### **Construindo saberes interseccionais: da teoria à prática acadêmica**

A partir do contexto exposto, citaremos algumas atividades realizadas no marco dos anos do projeto, que nos permite visibilizar os contatos entre teoria e prática. No dia 03 de maio de 2023, por exemplo, com o evento intitulado “MALINTZIN: una mujer en la conquista de América”, que aconteceu de maneira presencial na sala 13 da UFPA – Castanhal (Imagem 4), buscamos evidenciar o outro lado da história do processo de conquista do continente americano, considerando para o exercício da análise o campo do gênero, do feminismo e da tradução. Vale reforçar que a figura central da Malinche foi destacada devido à sua função de tradutora de Hernán Cortés, pois a mesma falava várias línguas, dentre elas, maya e náhuatl. Essa característica converteu essa mulher em uma figura primordial na história da América.



**Imagem 4** – Evento sobre “Malintzin”

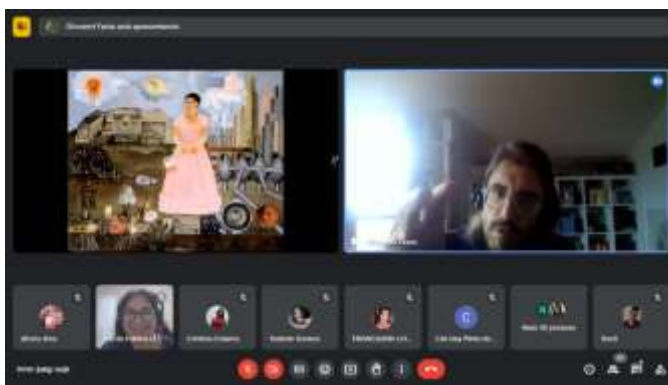


**Fonte:** Autoras (2023)

Por conseguinte, esta atividade nos possibilitou vislumbrar novas perspectivas sobre a trajetória de Malintzin, uma vez que foi “la figura feminina más influyente de nuestra historia” (Navarrete, 2023, p. 12). Contudo, ao longo dos tempos lhe foi atribuída a imagem de traidora dos povos indígenas na América Latina e submissa a Hernán Cortés. Assim, podemos evidenciar que estas leituras são resultantes das ações do patriarcado e do machismo, que juntos inferiorizam mulheres, demonstrando “poder masculino (...) la supremacia de varones” (Navarrete, 2023, p. 35). Dessa forma, é fundamental promover contranarrativas, para corroborar o protagonismo de mulheres racializadas que resistiram no decorrer da história e durante o processo de invasão.

Em seguida, promovemos um evento virtual intitulado “¡QUE VIVA MÉXICO!: Literatura, arte y territorio” que esteve dividido em dois momentos. Primeiramente, a conferência “Visiones de México. Cuerpos, territorios, espejismo” com o Prof. Dr. Giovanni Festa – UNLP/Argentina. E, logo, a segunda conferência “Frida Kahlo y el autorretrato literario: lecturas autobiográficas” com a Prof.<sup>a</sup> Dra. Iris Barbosa e os discentes de Letras Espanhol - 2021. Esta atividade foi realizada no dia 06 jun. 2023 pela plataforma do Google Meet. Estiveram conosco estudantes dos diferentes cursos da UFPA - Campus Castanhal (Imagem 5).

**Imagem 5:** Evento ¡Que viva México!



**Fonte:** Autoras (2023)

Neste momento, enfatizamos Frida Kahlo para além das pinturas, apreciamos a artista a partir de uma perspectiva literária com sua “lenguaje especial”, vislumbrando “su ‘vividura’, su derrota en el mar doloroso de la vida y sus aguas, para resurgir transfigurada en todas las Fridas que conocemos” (Echávarri, 2015, p. 50). Dessa maneira, a reconhecida pintora mexicana construiu sua inspiradora postura, materializada entre cores, posicionamentos políticos e palavras, características que contribuem para o empoderando de mulheres de diferentes tempos, idades e origens. Cabe mencionar que, estas atividades formam parte dos processos de formação e, por conseguinte, estabelecemos momentos de ampliação da perspectiva do feminismo interseccional, além da prática da tradução. Por outra parte, é importante apresentarmos à comunidade acadêmica figuras femininas como: Frida e Malintzin, que vivenciaram ação dos eixos de opressão, marcadas pela raça, classe e etnia, mas que resistiram e são simbólicas no protagonismo feminino da América Latina.

Finalmente, no sentido das atividades acadêmicas, produzimos e presentamos trabalhos sob a perspectiva dos feminismos interseccional e comunitário em eventos nacionais e internacionais. Dessa forma, destacamos três participações, das seis comunicações orais que resultaram desses dois anos de investigação. Assim sendo, o primeiro trabalho foi em novembro de 2021 do XIII Colóquio Internacional AFROINDOAMÉRICA, intitulada “Resistir por y en la palabra: El feminismo interseccional en las letras brasileñas de Sueli Carneiro y Djamila Ribeiro” – Cidade do México (Imagem 7).

**Imagem 7:** Apresentação no XIII AFROINDOAMÉRICA



**Fonte:** Autoras (2021)

Nesta comunicação oral apontamos o discurso de resistência das afro-brasileiras: Sueli Carneiro e Djamila Ribeiro, que através de produções teóricas contribuem para o projeto político-social igualitário em nossa sociedade. Da mesma forma, elas questionam e resistem a histórica estrutura desigual, que adoce e ceifa a vida inúmeras mulheres. Não obstante, suas escrituras reclamam a estruturação do movimento feminista que atenda as demandas de mulheres plurais (Carneiro, 2003). Para esta apresentação também contamos com instrumentos da tradução, pois as autoras e obras analisadas pertencem a língua portuguesa e o evento era em língua espanhola, ou seja, tivemos que traduzir o material que foi exposto durante a sessão do evento.

Em seguida, participamos da XV Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana (JALLA-2022) – promovido pela Universidad Rafael Landívar (URL), trabalho intitulado “La ‘amefricanidade’ y el ‘feminismo decolonial’: diálogos entre Lélia Gonzalez y María Lugones” evento on-line previsto para a Cidade da Guatemala (Imagem 8).

**Imagem 8:** Comunicação no XV JALLA

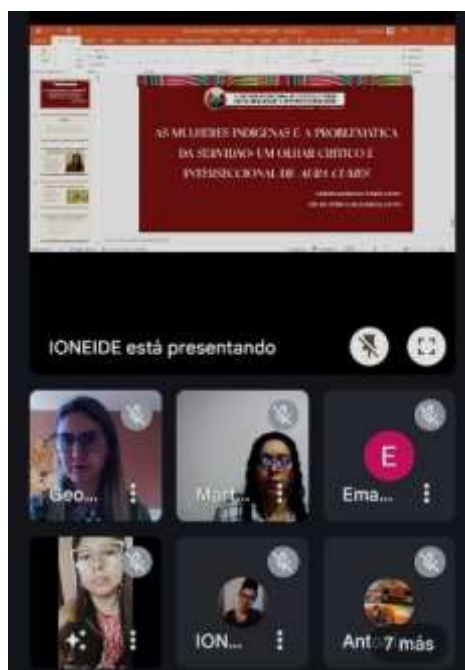


Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=Xv\\_q0Os6yVw](https://www.youtube.com/watch?v=Xv_q0Os6yVw)

Por meio desta comunicação oral apresentamos uma análise dos discursos provenientes dos subalternizados, identificando pontos de intersecção entre raça, gênero y classe. Para isso, observamos os trabalhos de duas importantes ativistas feministas latino-americanas, Lélia Gonzalez (Brasil) e María Lugones (Argentina), por meio de suas obras, para ressaltar as injustiças que resultam da colonização europeia, refletidas na problemática da implantação do capitalismo/patriarcal, racismo, dominações econômicas e epistêmicas que são legados vigentes da modernidade imperial (Lugones, 2011).

Com efeito, em maio de 2023 comunicamos a produção “As mulheres indígenas e a problemática da servidão: um olhar crítico e interseccional de Aura Cumes”, no VI Colóquio Internacional de Literatura e Gênero: Decolonialidade e Interseccionalidade, realizado pelo NELG/NELIPI - Universidade Estadual do Piauí (Imagem 9).

**Imagem 9:** Colóquio Internacional de Literatura e Gênero: Decolonialidade e Interseccionalidade



**Fonte:** Autoras (2023)

Nessa apresentação, realçamos a ação interseccionada dos eixos de subordinação (gênero, classe e raça/etnia) que problematizam a trajetória de mulheres indígenas, denunciados nos escritos da guatemalteca, Aura Cumes. Em suma, os trabalhos de Cumes (2014) tecem novos rumos para o feminismo latino-americano e fomentam os estudos de gênero, uma vez que inscrevem o olhar de mulheres racializadas, que buscam resistir e transgredir as estruturas de poder e suas diferentes formas de dominação.

Finalmente, as atividades desenvolvidas ao longo de dois anos de investigação tiveram impactos relevante na criação de espaços de discussão sobre os estudos de gênero. Além disso, foram gerados ambientes de troca de conhecimentos e experiências, sobretudo no contato com as produções de teóricas latino-americanas e caribenhas, sob a perspectiva do feminismo interseccional e dos idiomas português e espanhol. Tudo isto favoreceu a construção de um olhar crítico sobre a realidade de mulheres que carregam em seus corpos estigmas da acumulação de violações. Por outra parte, é crucial afirmar que elas correspondem a um grupo de pessoas que constantemente transgridem e resistem às opressões impostas.

### **Considerações Finais**

À guisa de conclusão, é possível evidenciar que as práticas coloniais persistem em diferentes esferas da sociedade, contribuindo para a manutenção da desigualdade, injustiça e violência a que se encontram submetidas gerações de mulheres. Desse modo, compreendemos a relevância de nos atermos aos estudos do feminismo interseccional, pois eles nos conduzem à compreensão e à subversão das realidades históricas em que se inserem mulheres negras e indígenas. Ademais, acentuamos a sua importância ao discutir problemáticas como o racismo, o sexismo e o classismo, presentes na estrutura social latino-americana.

Sendo assim, é crucial que os futuros profissionais da educação se aproximem das questões que dizem respeito às relações sociais, diante do cenário estabelecido pela ação simultânea dos eixos de opressão discutidos ao longo dessa proposta. À vista disso, torna-se urgente e fundamental apresentar nas práticas docentes a resistência das populações subalternizadas, a fim de desconstruir estereótipos e possibilitar a consciência da diversidade presente nas distintas sociedades que conformam o nosso continente.

Por fim, acreditamos que os estudos de gênero, considerando o feminismo interseccional, atrelados ao campo da tradução, permitiram fomentar as competências linguísticas e comunicativas, essenciais para as professoras de línguas estrangeiras, além de aprimorar a visão sobre as culturas plurais que habitam os países da América Latina. Outrossim, nossa proposta, que iniciou no ano de 2021, continua buscando, por meio de outros projetos, proporcionar processos e dinâmicas de formação que atendam os interesses de futuros profissionais da educação, visando também cursos de pós-graduação dentro e fora do país, bem como docentes dessa área acadêmica.

## REFERÊNCIAS

- ATLAS DA VIOLÊNCIA 2023. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Rio de Janeiro: IPEA, 2023. Infográfico. Disponível em: <<https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/f0c6ddee-5347-47da-9374-1bf491b0aff6>>. Acesso em: 09 mar 2024.
- BRIKS, Fábio Julio Pereira. Tradução: Ferramenta eficaz no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras para o aluno do ensino superior. **Belas Infiéis**, 2012, vol. 1, no 1, p. 153-167.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takono Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.
- CEPAL, N. U. OBSERVATORIO DE IGUALDAD DE GÉNERO DE AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE (OIG). **Feminicidio**. Disponível em: <<https://oig.cepal.org/es/indicadores/feminicidio>>. Acesso em: 12 mar 2024.
- COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2020.
- CUMES, Aura. La “índia” como “sirvienta”: servidumbre doméstica, colonialismo y patriarcado en Guatemala. 2014. 286 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, Ciudad de México, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ciesas.edu.mx/handle/123456789/283>>. Acesso em: 10 maio 2023.
- ECHÁVARRI, Ricardo. **Frida Kahlo, escrituras plurales**. La Colmena, [S.l.], n. 88, p. 49-56, 2015.
- FBSP - FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Feminicídios em 2023**. São Paulo: FBSP, 2024. Disponível em: <<https://apidspace.universilab.com.br/server/api/core/bitstreams/eca3a94f-2981-488c-af29-572a73c8a9bf/content>>. Acesso em: 09 mar 2024.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- LUGONES, María. Hacia un feminismo descolonial. **La manzana de la discordia**, v. 6, n. 2, p. 105-117, 2011.

NEWMARK, Peter. **Approaches to Translation**. Oxford/NewYork: Pergamon Press, 1981.

PARKINSON DE SAZ, Sara. (1984). Teoría y técnicas de la traducción. **Centro Virtual Cervantes**. Boletín de la Asociación Europea de Profesores de Español. Núm. 31. España.

NAVARRETE, Federico. **Malintzin, o la conquista como traducción**. UNAM, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, 2023

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANCHÉZ, José Luis Aja. **Teoría de la traducción: Una aproximación metodológica**. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2018.

**Gender and translation from the perspective of intersectional feminism in Latin America: an approach based on research and academic practice**

**Abstract:** It is undeniable that intersectional feminism allows us to identify and problematize the consequences of the axes of subordination on the bodies of racialized women, which predominate in different realities from the colonial period to the present day. To understand the action of these mechanisms is to recognize that the oppression these women suffer generates spaces of inequality, injustice and violence that condition them to invisibility and inferiority in Latin American societies. In view of this, this paper presents an overview of the activities carried out during the research project "Translation and Culture: debates on gender from an intersectional perspective in Latin America" (2021-2023), considering gender studies, intersectional feminism and translation, which culminated in moments of training, research and academic production for future EFL teachers at the Castanhal University Campus (UFPA).

**Keywords:** Research; Gender and translation studies; Intersectional feminism.

**Recebido em 30 de março de 2024**  
**Aprovado em 30 de abril 2024**  
**Publicado em 29 de junho de 2024**